

**pós cop30:**  
**os warao como guardiões da ecologia integral no bioma pantanal**

**post-cop30:**  
**the warao as guardians of integral ecology in the pantanal biome**

*Aloir Pacini SJ*

Docente do Departamento de Antropologia  
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)  
Cuiabá, MT

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-1846-3396>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.20158102>

**Resumo:** Este texto olha para a COP30 através do que foi possível captar através das mídias durante o evento, uma vez que o autor não esteve lá, mas reflete seus efeitos no acompanhamento de uma comunidade Warao no bioma Pantanal (MT). A partir de princípios como ecologia integral e *bem viver* analisamos três ações para o estabelecimento desta tradicionalidade em um contexto muito diferente do lugar de onde vieram os Warao no baixo Orinoco (Venezuela): a construção das casas das famílias Warao no Recanto das Aves e dos banheiros comunitários com fossas sépticas; e a plantação de buritis no córrego Warao em vista de segurar as águas nos tempos de secas e, a longo prazo, revitalizá-lo.

**Palavras-chave:** (1) Warao; (2) Janoko (casa); (3) Fossas sépticas; (4) Ojidu (buriti); (5) Córrego Warao.

**Abstract:** This text examines COP30 through what could be gathered from media coverage of the event, since the author was not present, and reflects on its effects through the ongoing accompaniment of a Warao community in the Pantanal biome (Mato Grosso, Brazil). Grounded in principles such as integral ecology and *Buen Vivir*, the analysis focuses on three concrete actions aimed at establishing Warao traditional ways of life within a context markedly different from their place of origin in the Lower Orinoco (Venezuela). These actions include: the construction of houses for Warao families in the *Recanto das Aves* settlement and the building of community bathrooms with septic systems; and the planting of buriti palms (*Mauritia flexuosa*) along the Warao stream, with the aim of retaining water during periods of drought and, in the long term, revitalizing the watercourse.

**Keywords:** (1) Warao; (2) Janoko (house); (3) Septic systems; (4) Ojidu (buriti palm); (5) Warao stream.

## **O Bem Viver tem histórias**

Para dar conta deste texto e falar sobre ecologia integral e o *Bem Viver* na ótica dos *Warao*, desejo reforçar a argumentação nativa e o lugar que ocupam os povos indígenas como guardiões da natureza, porque eles se pensam fazendo parte integral deste mundo que nos cerca. Talvez por isso são apontados como aqueles que se dedicam no cuidado da Casa Comum, o que reverberou nos movimentos sociais na Belém do Brasil:

*Nós, da Cúpula dos Povos, reunidos em Belém do Pará, na Amazônia brasileira, de 12 a 16 de novembro de 2025, declaramos aos povos do mundo o que acumulamos em lutas, debates, estudos, intercâmbios de experiências, atividades culturais e depoimentos, ao longo de vários meses de preparação e nestes dias aqui reunidos. Nosso processo reuniu mais de 70.000 pessoas que compõem movimentos locais, nacionais e internacionais de povos originários e tradicionais, camponeses/as, indígenas, quilombolas, pescadores/as, extrativistas, marisqueiras, trabalhadores/as da cidade, sindicalistas, população em situação de rua, quebradeiras de coco babaçu, povos de terreiro, mulheres, comunidade LGBTQIAPN+, jovens, afrodescendentes, pessoas idosas, dos povos da floresta, do campo, das periferias, dos mares, rios, lagos e mangues. Assumimos a tarefa de construir um mundo justo e democrático, com bem viver para todas e todos. Somos a unidade na diversidade (Declaração da Cúpula dos Povos Rumo à COP30)*

Depois da COP30 parece que o nosso compromisso com a Ecologia Integral se tornou mais concreto, os povos indígenas se mostraram claramente como guardiões da terra-mãe, desta Casa Comum que é responsabilidade de todos, mas precisa ser assumida por pessoas e etnias que tradicionalmente possuem um aprendizado histórico deste cuidado. Assim torna-se relevante a fala dos indígenas para expressar com mais pertinência e detalhes o que desejamos compreender na construção de casas para morar, de banheiros<sup>1</sup> e no plantio de buritis.

O modo da observação etnográfica ampliada, inspirada na “descrição densa” de Clifford Geertz (1978), que não busca apenas registrar fatos ou tirar fotos, mas interpretar os códigos culturais e as teias de significados que os envolvem deve estar associado hoje à netnografia documental (KOZINETS 2010) que permite construir um texto a partir da análise sistemática de transmissões oficiais da ONU, cobertura jornalística

---

<sup>1</sup> Fizemos o projeto *Saneamento básico na Aldeia Recanto das Aves – Warao* com previsão de início em 01/07/2025 com prazo de um ano, e foi aprovado pela *Cáritas* um valor de 15.300,00 para a construção dos banheiros. O eixo definidor foi o Cuidado da saúde (Casa Comum) e os custos no final foram cinco vezes mais, por isso fizemos uma rifa e passamos a sacolinha para que muitas pessoas amigas pudessem colaborar com esta obra.

multifacetada das manifestações públicas e o fluxo de narrativas digitais produzidas durante o evento. Ao menos, um duplo olhar se faz necessário:

- O da experiência sensorial estimulada pelas narrativas de quem estava no solo e
- O da mediação digital que constrói a “verdade” do evento para o público global.

Mais recentemente, com o sequestro do presidente da Venezuela pelo *trampo*<sup>2</sup>, os olhares mundiais estão também voltados para os *Warao* como cidadãos venezuelanos em vias de alcançar a cidadania brasileira.

O *Bem Viver* na cultura *Warao* está relacionado com a experiência de viver como família, ter uma casa para morar, pedir e receber graça por graça, dom sobre dom. Apesar de se adaptarem ao estado de migração constante, descansar com sua família em uma casa sua parece fundamental. No sistema de casamento, o homem pede para namorar com a menina e depois se casa com ela para aumentar seu povo. Cada criança é um dom e as mulheres se dedicam especialmente a este papel zeloso de mãe e o pai acompanha este cuidado trabalhando fora como empregado para trazer o alimento, o sustento desta casa.

Mas este *Bem Viver* têm histórias, eles descem pelo buraco dos céus que hoje é a Estrela D’Alva para chegar aqui, segundo suas narrativas míticas que os sustentam no caminho. Assim expressam a relação que possuem com a natureza, com o *ojidu* (buriti) que forneceu o fio para fazer a corda e poderem descer. Aqui começa outra organização social, com o nascimento das crianças, mas também com o funeral de algumas delas, o que assusta a todos.

Em 2022, quando faleceram três crianças, os *Warao* me procuram para batizar as demais crianças. Por isso, nos comprometemos com a continuidade depois do batismo de 11 crianças na Igreja São Judas Tadeu e fizemos uma festa simples com o ritual de nomeação porque consideram que receberam um presente de Deus. Pensar um lugar para viver tornava-se urgente, também as condições básicas para a vida. Tanto no nascimento-batismo quanto na morte a pessoa é reconhecida como *Warao*. Mesmo os que vieram para a terra dos *Bóe*, estes lugares do Centro-Oeste brasileiro, em busca de melhores condições de se alimentar e de viver, estes lugares passaram a ser deles também.

O grande desafio para o ser humano está em preservar a natureza e viver dela. Então, observamos que, quando os *Warao* ficavam em seus lugares tradicionais, lá viviam e praticavam sua cultura, quando ficavam escassos os alimentos, iam para o outro lugar. E este lugar em que estavam podia se regenerar, voltar a ter tudo novamente e, com o tempo os *Warao* voltavam

---

<sup>2</sup> Os *Chiquitanos* me ensinaram que estamos vivendo no meio de *trampas*, conceito que eles usavam frequentemente para as armadilhas deste mundo que os querem explorar.

neste lugar novamente. Só que o aumento da população e as invasões de outros povos tornou impossível este sistema tradicional, por isso é preciso pensar uma agricultura regenerativa com mais produção de alimentos no molde agroecológico, evitando degradar os territórios. Então, há uma rotação de vida junto com a natureza para o *Bem Viver* que exige respeito, boas maneiras: pedir licença para poder matar e comer. Em Cuiabá, os lugares onde os *Warao* viveram por mais tempo logo ficaram insalubres, dadas as condições diferentes de vida em relação ao delta do Orinoco.

Para nós e a Antropologia, a COP30 e a aldeia Recanto das Aves são  *fatos sociais totais* (MAUSS 1974: 41) que mostram olhares entrecruzados a respeito das culturas em diálogo nas quais vivemos, e o que ocupou nossas mentes e corações foi encontrar um território tradicional que tivesse força espiritual para ser demarcado para os *Warao*. Neste pantanal tem muito peixe, muito buriti e os *Warao* estão envolvidos com as plantas e os animais em lugares sagrados dos *Bóe*, centralizados pelo *Toroari* (Morro de Santo Antônio), onde começou a nova geração dos *Bóe* depois do dilúvio.

Os *Warao* acreditam que o *Bem Viver* está relacionado com a Ecologia Integral, porque a relação ecológica que o povo tem com o meio em que vivem está entrelaçada com a terra, com os animais e as plantas, com tudo que está ao seu redor. E os rituais cotidianos e mais solenes afloram estas relações com a terra, a água, os peixes, os animais, o vento e o mundo transcendental. Então, a Ecologia Integral é executada nesses três a quatro meses de rituais fúnebres, que é também uma conformação, um conforto para o povo *Bóe*, que sai do ritual mais fortalecido e com mais ânimo para continuar a vida.

Aqui temos uma informação valiosa já etnografada (LUCENA & PACINI 2026, no prelo) sobre o meio de transporte tradicional dos *Warao* no delta do Orinoco, as canoas esculpidas em um tronco só de uma árvore (ipê, aroeira, cerejeira, etc.) chamada *curiara* que era o principal meio de transporte dos *Warao* no delta do Orinoco. Ali os *Warao* possuíam muitas habilidades e presteza técnica para poder esculpir um tronco grosso com enxó e outras ferramentas adequadas, com a queima para tornar a madeira mais maleável à moldura para, assim, ver surgir como verdadeira obra de arte.

Assim, a função utilitária de transportar os *Warao* e suas cargas, singrando pelos rios e *caños* impressiona os observadores. E depois continuamos admirando como vieram da Venezuela para quase todas as cidades do Brasil pedindo carona e como dão conta de mudar de uma rede de parentesco para outra onde se espalham.

Contudo, existem outras associações valiosas que devem ser feitas, a descida deles pelo buraco da Estrela D'Alva e a viagem de volta para a aldeia espiritual. Nos achados arqueológicos dos povos mesoaméricos existem esculpidas no fêmur de uma pessoa uma imagem de uma barca que leva a alma da pessoa falecida para outro mundo possível. Além de ganhar

uma função simbólica em rituais fúnebres, estas *curiaras Warao* possuem esta dimensão de viagem, passagem, para o mundo espiritual, pois um ancião na Venezuela relatou que em algumas comunidades tradicionais ainda costumam fazer o sepultamento nestas *curiaras*. Quando isso acontece, posteriormente, envolvem a embarcação com folhas de *temiche* (*Manicaria saccifera*)<sup>3</sup> para fechar essa espécie de ataúde, após cerimônias e rituais fúnebres. E depois de cerca de nove meses os restos mortais são recolhidos para um sepultamento definitivo.

**Figura 1 - Comunidade Warao do Recanto das Aves.**



**Fonte:** SOARES, Célia Cristina, 14/02/2026 (DSC 7904).

### **Territórios performados e reconfigurados: A cidade de Belém (PA) e Recanto das Aves (MT)**

Este texto busca compreender como o Mato Grosso na Amazônia foi “performado” para o mundo através destes mártires e como a cidade de Belém foi “reconfigurada” em múltiplas camadas espaciais, simbólicas e políticas para atender à urgência climática de decisões concretas dos países no planeta Terra. Em Belém, não passaram incólumes as tensões entre o interior dos pavilhões climatizados — a *Zona Azul* — e a *Cúpula dos Povos*

---

<sup>3</sup> *Temiche*, conhecido como *ubuçu* ou *buçu*, popularmente chamado *ubuçuzeiro* ou *tururi*, é uma palmeira encontrada também em Trinidad, na América Central, mais abundantemente nas várzeas e ilhas da Amazônia desde o delta do Orinoco até o Amazonas, Pará e Amapá com frutos em forma de cocos pequenos, da família *Arecaceae* e uma espécie do gênero *Manicaria*. Outra característica desta palmeira nativa da região amazônica são as folhas rígidas chegando até oito metros de comprimento e estas são fundamentais para os *Warao*, que as utilizam de diversas formas, como urnas funerárias e também para cobrir suas casas de palafitas.

— que fervilhava criatividade com mais de três mil indígenas na cidade — que se dobravam, se reorganizavam e, por vezes, se ocultavam para sustentar o megaevento.

Belém tem uma comunidade forte de *Warao*, também é cidade natal para gerar novos tempos, ainda nas margens do mundo, cenário propício para observar com cuidado territórios superpostos e até bolsões de pobreza segregados nas periferias. A chegada de grandes navios *cruzeiros* atracados no porto deu hospedagem diferenciada para os peregrinos. Navios desta monta operaram como “enclaves fortificados” (CALDEIRA 2000) e materializaram um território internacional flutuante, desvinculado do solo amazônico que hospedaram delegados, chefes de Estado e o alto escalão de organismos multilaterais, que circulavam entre as embarcações e o Centro de Convenções através de corredores de segurança, sem a necessidade de vivenciar as “*fricções interétnicas*” (OLIVEIRA 1967) da Belém real: a umidade e o calor, as falhas de transporte e as desigualdades urbanas. A COP30 em Belém produziu duas cidades sobrepostas. A “Belém do Evento” — refrigerada, coreografada, internacionalizada e temporária — que contrastava com a “Belém Viva” — complexa, desigual e resiliente.

De um lado estava a Belém frágil, “de vidro”, feita com aço, ar-condicionado e protocolos internacionais; do outro, estava a Belém forte, com a garra de seu povo tradicional que aprendeu a viver equilibrando-se na natureza amazônica que emanava uma complexidade que a Antropologia aos poucos interpreta. Esta imagem dos transatlânticos brancos flutuando sobre as águas barrentas da Baía do Guajará tornou-se um símbolo da distância entre a diplomacia tecnocrática global e a realidade vivida pelos amazônicos. Por outro lado, estavam as comunidades *Warao* nas periferias, excluídas até dos processos de cidadania mais básicos, o que discutiremos a partir do caso dos *Warao* em Cuiabá (MT).

O *Aidamo* Rabel Estrella, que está em Cuiabá há muitos anos, mencionou que foi ele que deu uma entrevista para uma reportagem em Pacaraima (RR), fazendo com que o Brasil abrisse as fronteiras também para a entrada dos indígenas, uma vez que, segundo a liderança, estavam sendo impedidos de ingressar no território brasileiro.

Na reportagem pergunta: “*Por acaso não somos gente também como os criollos?*” A reportagem serviu como aríete para abrir os portões da fronteira e denunciar a *trocha*, os caminhos clandestinos que são perigosos, além de conscientizar para a necessidade de oficializar a entrada e, posteriormente, seguir pelas rotas das cidades brasileiras, geralmente passando por Pacaraima e Boa Vista (RR), Manaus (AM), Porto Velho (RO), para chegar a Cuiabá.

**A materialidade da COP30 nos ambientes e ritmos:  
diferentes sensações no Recanto das Águas (MT) e em Belém (PA)**

Ao cruzar as barreiras de segurança dos pavilhões no Parque da Cidade de Belém, ou na Cuiabá dos *Bóe* e dos *Warao*, a experiência corporal do participante nestes mundos tão distintos sofria uma alteração imediata. O choque térmico entre o calor externo de 34°C e a climatização interna de 19°C nos pavilhões da COP30 estabelecia uma fronteira sensorial física: dentro, o ambiente era controlado, *estéril*; fora, a Cúpula dos Povos fervilhava de vida acompanhada pelo rio e a floresta úmida que resistiam a serem disciplinados. Este “não-lugar” (AUGÉ 1994) temporário, desenhado para suspender a identidade local em favor de um padrão global de negociação, deixou marcas indelévels dos que estiveram na COP30 como também nos *Warao* que estão morando hoje no *Recanto das Aves*.

Como não observar a atmosfera que produzia paisagens sonoras originais, por vezes caóticas: a sobreposição de línguas coloniais (português, italiano, inglês, francês etc.) com a diversidade de línguas indígenas, frequentemente abafadas pelo som de microfones e tradutores simultâneos; o cheiro asséptico de carpete novo, o sabor do café e outras “frescuras” contrastava com o cheiro do *tacacá* e peixes nas bordas do evento, no *Ver o Peso* e, em Cuiabá, marcadores das identidades locais; as texturas diferentes que acolheram os crachás plastificados, os cordões sintéticos e ternos de lã fria, ou do *Recanto das Aves*, uma certa artificialidade que admirava as vestes e artefatos tradicionais indígenas.

A segregação e a maquiagem da dinâmica urbana de Belém mostram um sentimento ambíguo: o orgulho da visibilidade global misturado ao incômodo da exclusão, pois o policiamento ostensivo nas ruas e áreas periféricas higienizadas para serem exibidas como aldeia que se tornou cosmologicamente um lugar sagrado *Warao*. As chuvas da tarde marcaram o ritmo da vida, alagavam vias recém-pintadas e forçavam a diplomacia global a esperar, lembrando aos participantes a força incontrolável da natureza que, ironicamente, tentavam regular através de documentos em salas fechadas.

O que vamos narrar a seguir nos permitirá centrar o olhar no *Recanto das Aves*, ver a casa comunitária do casal que a vendeu que está mais associado aos banheiros comunitários — uma exigência para não contaminar o lençol freático do pantanal —, mas que contrasta com as casas que foram sendo construídas pelas famílias *Warao*.

**Uma rede de *janokos* (casas) em cidades brasileiras:  
a saga dos *Warao* em Cuiabá (MT)**

Os *Warao* começaram a chegar em Cuiabá no final de 2019 e acamparam junto da Rodoviária. Dali a prefeitura levou-os para o Parque

Cuiabá (periferia) e ali viviam em condições precárias. Levamos colchões e ventiladores para suportarem o calor daqui. Foram alugando casa aqui e acolá, com grande dificuldade de se manterem com dignidade no tempo da pandemia. Foi quando eu me mudei para o Rio Grande do Sul para fazer meu pós-doutorado na Unisinos, RS no ano de 2021.

Os *Warao*<sup>4</sup> vieram da região do delta do rio Amacuro no alto Orinoco (Venezuela), e cerca de 100 estavam no Bairro Tijucal<sup>5</sup>, os quais são os mais fragilizados por causa da situação de não serem acolhidos como merecem e, por causa dos preconceitos duplicados por serem da Venezuela e serem indígenas, que não conseguem trabalho para se manter dignamente. Quando voltei encontrei-os em situações ainda mais precárias. Não estavam conseguindo pagar o aluguel das casas onde moravam e passavam por condições alarmantes na saúde, educação e segurança alimentar.

O ano de 2022 foi duro para os *Warao*: Virgília Zapata Yovar teve um filho — Yosmar Zapata Rivero (31/03/2022) — que viveu apenas um dia, falecendo ainda no Hospital Santa Helena. Depois Endri Jesus Mata Zapata (08/08/2021-22/04/2022), veio de Rondonópolis para tratar porque apareceu um tumor na testa e também faleceu ali. Como lá dormiam no chão de barro pensou-se que uma cobra ou escorpião o havia picou. Hernaída Rivero Estrella também estava criando três órfãos da irmã que faleceu em Roraima. Essa fragilidade das crianças deixou-os muito aflitos e procuraram o batismo para as demais crianças.

Atendendo à solicitação deles, na primeira sexta-feira do mês de maio, foram batizadas 11 crianças na Igreja São Judas Tadeu e foi feito um lanche após o batizado para confraternizar.

**Figura 2 - Casa do *aidamo* Rabel Aquiles Rivero**



**Fonte:** Acervo do autor, 2022.

---

<sup>4</sup> De língua isolada, mas com empréstimos linguísticos dos troncos linguísticos Aruaque e Caribe.

<sup>5</sup> Observo que uma família chegou de Porto Velho no momento da escrita do texto, e o cadastro tem que ser atualizado constantemente, está sempre em construção, e já não passam mais pela Casa do Migrante, buscam a rede de parentesco para auxiliar.

No dia 19/05/2022 35 pessoas estavam morando em condições precárias na casa alugada do Rabel Aquiles Rivero e Maria del Vale Zapata. Na casa alugada de José Marin Navarro e Claudia Moreno Baria eram 27 pessoas; e na casa de Naici Moreno e Euclides Garcia, este casal vivia com três filhos. 25 *Warao* estavam chegando de Rondonópolis, pois lá também estavam tendo dificuldades de sobreviver. Buscávamos local para que eles pudessem sair da necessidade de pagar aluguel, pois isso já seria um alívio.

No amanhecer do dia 27/05/2022 Andru Rojas Moreno, filho de Isacio Rojas e Magali Moreno Moreno, neto pelo lado paterno de Indalcio Rojas e Maria Zapata e avó materna America Moreno, nascido em Manaus no dia 17/05/2020, faleceu no Pronto Socorro de Cuiabá. Foi levado ao Pronto Socorro com um sintoma recorrente: vômitos com sangue (“*botava sangue*”, disse Rabel Aquiles Rivero, o *aidamo Warao*). Depois de receber uma bolsa de sangue voltou para casa, mas voltou a vomitar sangue e o levaram para o Pronto Socorro, mas o coração não resistiu.

Rezamos por Andru, batizado no dia 06/05/2022, por sua família e essa etnia que está em diáspora nesse amanhecer do dia 28. Foi feita a oração das exéquias e o sepultamento aconteceu às 8:30 horas no Cemitério São Gonçalo.

Foi muito forte o sofrimento expressado pela mãe e avós nos rituais cheios de emoções.

**Figura 3 - Casa de José Marin Navarro com 27 pessoas da família do falecido Andru vivendo na mesma casa e o voluntário José Guilherme (19/05/2022).**



**Fonte:** Acervo do autor, 2022.

Da família extensa que estava no Jardim Passaredo, no dia 29/06/2023 faleceu Flanyelis Moreno Zapata, neta de Santa Moreno (24/11/1983) e Levis Zapata (25/08/1980), sobrinha de Nubia Moreno (05/09/2018), filha de

Leonardo Zapata (15/02/1997) e Merelys Moreno (07/12/2007) que estava grávida de sete meses. Em chamada de vídeo recebi o telefonema da Hernaida para informar o acontecido. Assim presenciei o choro de lamentações, enquanto as mulheres faziam massagem no corpo da menina falecida. Os pais tinham trazido a menina para o *pajé* Evelio Rivero Estrella (22/06/1972) auxiliar, mas já era tarde demais (ANJOS 2026).

Orientei para que na hora em que o pai chegasse com os documentos da criança, que a levassem à Santa Casa de Misericórdia, simulando estar viva, para terem um atestado de óbito com mais agilidade. Enquanto isso fui à Funerária Santa Rita para já encaminhar o serviço, mas era necessário que os pais fizessem os trâmites com o atestado de óbito e conseguissem o serviço gratuito da Funerária, que preparou o corpinho da menina e o levou para o Jardim Passaredo.

Ali a comunidade fez os rituais tradicionais e o Padre José Miguel Clemente Clavijo as exéquias segundo o ritual católico, o que trouxe grande consolação aos presentes, que foram levar a menina para o sepultamento no Cemitério São Gonçalo com o auxílio de um ônibus conseguido por Gleyva Maria Simões Pio Saes.

Não fosse imensa a dor do falecimento da filha, o pai me chamou desesperado no dia 08/08 porque o Conselho Tutelar chegou acusando que ele tinha causado a morte de sua filha. Foi grande o movimento de solidariedade aos pais da falecida para que não se aumentassem os sofrimentos que já eram irremediáveis.

No dia 12/04/2024 na comunidade São José, faleceu Masteo Jesus Heridia Oliveros (nascido em Manaus no dia 07/04/2020), filho de Limardo José Heredias Peres e Cruz Santa Oliveros Mariano, o que trouxe grande comoção étnica, principalmente porque o menino já tinha sido levado na UPA duas vezes e o médico não queria internar para ver mais profundamente qual era o problema. Na terceira vez, já era tarde demais, pois começou com ataques cardíacos e não suportou.

Quando chegamos no cemitério, os coveiros estavam tirando uma camisa do local, pois se trata de um lugar público e, a cada três anos acontecem exumações. O fato fez com que todos pedissem para sepultar em uma cova virgem, como a criança vai ficar junto com outras pessoas que ela nem conheceu. Finalmente conseguiram um lugar próprio para o sepultamento e os corações *Warao* seguiram seu rito de sepultamento profundamente inculturado.

No dia cinco de novembro de 2024 terminava o contrato de aluguel na chácara de Nova Esperança e a prefeitura ainda não tinha regularizado um terreno da Área Comunitária para fazer a aldeia. Foi quando compramos uma chácara no *Novo Aricá-Açu* e ali se constituiu uma aldeia com 20 famílias. Aos poucos, ali foram sendo construídas 20 casas de *palite*, uma dedicação admirável, pois o fizeram com grande autonomia. O mesmo não podemos falar dos banheiros, pois não é costume tê-los em suas casas. Por isso,

fizemos os banheiros e instalamos caixas-d'água, para terem saneamento básico e evitar a verminose e a desnutrição, causas da maior parte dos problemas de saúde, alguns casos com a tragédia da morte, o que poderia ser evitado.

### **A flecha do Amor ao próximo em uma escola Warao**

Manifestações reiteradas contra a demarcação de territórios tradicionalmente cuidados por povos indígenas, geram insegurança jurídica, conflitos e mortes no Brasil. A fragilização e o aparelhamento dos órgãos de fiscalização, fazem com que agressores e invasores de terras indígenas, espalhem o terror em lugares dos *Guarani*, sem o menor constrangimento legal, um ultraje flagrante à nossa Constituição de 1988. E a situação dos *Warao* também é grave porque há resistência em acolhê-los como indígenas no Brasil.

Como conselheiro de Educação Indígena junto à SEDUC, participei no *Fórum de Educação Indígena* no dia 28 e 29/06/2020. Levei os *Warao* Ravel Aquiles Rivero, Fabian Beria e José Marín Navaro ao Fórum, aonde foram bem acolhidos pelos demais povos indígenas e propuseram uma escola específica e diferenciada para eles, o que foi aprovado em plenário. Depois fizemos um Domingo de atividades com eles para conhecer melhor os trilhos por onde passaram para chegar até aqui, porque já dizia Mia Couto:

*A escrita não é um veículo para se chegar a uma essência. A escrita é a viagem, a descoberta de outras dimensões e de mistérios que estão para além das aparências (COUTO).*

Os rastros (*las huellas* ou *homunokos*) que deixamos por onde passamos são significativos para contar as densas histórias dos *Warao*. Rabel disse que o chocalho dos *Rikbaktsa* — que levava para uma dança — despertaria os espíritos dos falecidos, e mostrou que os *maracás* eram usados para os rituais nos vários cantos que estavam sendo publicados no texto dos *Warao* que estão em Belém. Rabel contou também que saiu de seu lugar natal, uma terra entre águas, por isso morava em palafitas e o rio dava o sustento na maior parte do tempo. Nas épocas do baixio das águas podiam plantar milho e outros produtos. Não recebiam nada do governo. Saíram por causa da invasão de seu lugar por causa da extração mineral, a água ficou suja, não dava mais para beber e comer os peixes porque tinham mercúrio.

Ele contou também que chegou com sua família em Barrancas, no Orinoco, porque sofrera o golpe de fome com o embargo econômico à Venezuela e o sonho de encontrar comida o fez continuar caminhando. Passou por São Félix e Santa Helena para entrar no Brasil. Chegou em Pacaraima onde foi entrevistado pela televisão para argumentar que tinha direito de vir ao Brasil como os demais *criollos*, e passou por Boa Vista (RR). Chegou em Manaus em 2018. Teve que sair dali porque havia muito migrante,

e não tinha vaga para viver bem no meio de outros venezuelanos nos acampamentos e abrigos. Porto Velho também não tinha vaga e vieram para Cuiabá porque aqui estava Jesus, Florência e sua família.

Estes receberam depois uma proposta boa e foram para Porto Alegre em 2022. Por anos que ficaram ali, morando no pátio da rodoviária, depois no Parque Cuiabá, depois no Tijucal, no Cangica, no São José e no Abrigo Miraglia no último ano. Depois foram para o Rio de Janeiro.

Quando estava no Tijucal assim se expressou:

*Sou cristão católico, aprendemos para cumprir. Vou conhecer primeiro os missionários em Cuiabá, pensei. Jesus me convidou para a Missa de Nossa Senhora de Coromoto no dia 11/09/2020. Depois Eurípia convidou para participar da Comunidade São Francisco de Assis, mas era longe demais para chegar até lá (Rabel Aquiles Rivero).*

O Defensor Público da União, Renan Vinícius Souto Maior, visitou os Warao no dia 8/07/2022 para conhecer melhor suas condições de vida e auxiliar a propor um lugar para que pudessem viver bem em Cuiabá. O *aidamo* Rabel Aquiles Rivero falou que energia e água “avançou muito alto”:

*... não temos trabalho, por isso cortou. Estamos procurando outra casa, é imóvel, tem que pagar adiantado. Procuramos e não encontramos porque temos muitas crianças. Compramos cimento para concertar a casa e cal para pintar, mas dia 15 temos que sair onde estamos. Temos crianças pequenas, vamos ser jogados na rua (Rabel Aquiles Rivero).*

Quando foram jogados na calçada pelo dono da casa, a família extensa de Rabel foi para algumas quitinetes no Cangica e ali na *Comunidade Santana* foram bem acolhidos, mas o local de moradia era precário demais. E sua irmã Hernaida foi com outro grupo para São José, em uma casa fornecida por uma professora do colégio do Tijucal, onde estavam seus filhos estudando. Ali ao lado, a pedido de Hernaida, reformamos para a família de Rabel ocupar, por um ano, um barracão que estava abandonado. A partir do dia 21/04/2023 juntaram-se ao redor do barracão umas 15 *barracas* de famílias que não tinham como pagar aluguel.

Contaram ali que foram na prefeitura e ficaram na portaria, não foram atendidos porque são venezuelanos e não teria dinheiro para eles. Queriam falar da situação que vivem e perguntaram:

*Não é obrigação atender as pessoas? [A *aidamo* Hernaida Ribero Estrella concluiu:] Decidimos não viajar mais, vamos ficar aqui para termos saúde, estudar... viver. Também para ajudar nossa família que está na Venezuela, que está passando fome lá também. Não*

*queremos voltar para a Venezuela porque já não temos casa lá*  
(Hernaida Ribero Estrella).

No término do ano de ocupação do barracão, abril de 2024, aconteceu uma separação mais radical entre os dois irmãos: Rabel e um grupo optou por ir morar no Abrigo Miraglia, da prefeitura, e Hernaida com outro grupo foram para Nova Esperança, inicialmente em um sítio alugado próximo da Área Comunitária que a prefeitura iria disponibilizar para formar a aldeia.

Dali começaram a participar das aulas na *Escola do Campo*, ali mesmo no Nova Esperança, com transporte escolar regular. Mas o presidente de bairro chamou a polícia quando os *Warao* começaram a limpar o local indicado pela prefeitura em agosto de 2024. Assim, este grupo, depois de estarem por seis meses no sítio alugado, optaram por ir ao *Recanto das Aves* e ali formaram a comunidade com mais segurança, porque foi comprado para este fim, local onde o mesmo ônibus escolar passa diariamente.

Muitos reclamam que os *Warao* são preguiçosos, só querem ficar nos sinais pedindo esmola, que devem voltar para a Venezuela. Repudiamos com veemência esta situação de preconceitos escancarados, causadora de tanto sofrimento aos irmãos e irmãs indígenas, povos que mais sabem cuidar da Mãe-Terra. Esse texto é uma manifestação de indignação que junta a nossa voz às vozes de todos e todas que clamam por um Brasil democrático, pluriétnico e multicultural para resguardar a dignidade de todos os cidadãos, a começar pelos mais fragilizados.

A cidadania/permanência dos *Warao* em Cuiabá/MT está em questão, o que não é muito diferente nos demais lugares do Brasil, afinal trata-se da migração de uma etnia indígena para o nosso país. Os povos indígenas daqui também manifestam um estranhamento diante dessa nova realidade. O que dizer e fazer, pois o território tradicional deles ficou na Venezuela. Será possível criar uma tradicionalidade de usufruto dos territórios que eles vão ocupando no Brasil? Os serviços e políticas públicas destinados aos indígenas brasileiros que vivem aldeados podem ser destinados também para essa etnia? Contudo, em meio dos falecimentos narrados são inúmeros os casos de superação das doenças e as crianças alegres e saudáveis agora brincam no *Recanto das Aves*, lugar onde estão sendo construídas suas casas, os banheiros e as caixas-d'água.

Em 2026 Hernaida foi contratada como professora da língua *Warao*, o que é semente de uma escola *Warao*, já solicitada à Seduc desde 2023.

### ***Ojidu: a árvore da vida Warao no território Bóe agroecológico***

*Ojidu* é a palmeira do buriti na língua *Warao*. Considerada a “árvore da vida” porque sustenta esta etnia nos seus diversos aspectos. Segundo a *aidamo* Hernaida, o buriti é como se fosse a mãe dos *Warao* porque é capaz de proporcionar a vida para os seus. Do *Ojidu* recebem o fruto, a *yuruma*

(amido), a palha, a fibra ou película da folha mais nova para fazer os artefatos e até a madeira. E o fundamental, desta película fizeram a corda para descer pela Estrela D'Alva até a Amazônia, por isso essa palmeira é parte central do universo cosmológico dos *Warao*.

Com os *Warao* é necessário um acompanhamento intenso, porque não são somente imigrantes — são uma etnia indígena desterritorializada e em processo de reterritorialização em outro país: na baixada cuiabana. O trabalho com os indígenas é holístico, possui articulação com todas as dimensões da vida humana, e o todo das diferentes etnias com as quais estamos, especialmente na garantia de seus direitos tradicionais ao território, à saúde e educação diferenciada e específica, o que se caracteriza no respeito aos seus modos de conduzir suas vidas.

Em novembro de 2024 foi adquirida a chácara *Recanto das Aves* (1,2 hectares) para abrigar as 20 famílias que formam a *Comunidade Consolata*. A construção das casas familiares está acontecendo pelos próprios *Warao*, com madeiras doadas (*palite*) e outros materiais. Ali estamos construindo banheiros públicos com foças sépticas para não contaminar o lençol freático. A capela está sendo construída pelos *Warao* também. Assim trabalhamos com doação generosa de centenas de pessoas amigas.

Por isso, programas de acompanhamento na busca de sua cidadania deve ser completa. Oficinas de agroecologia, de corte-costura, de letramento em Português, Espanhol e sua Língua materna. Motivamos todos a irem estudar na *Escola do Campo*, porque o ônibus passa recolhendo os estudantes diariamente. O acompanhamento como *Comunidade Eclesial de Base* tem o apoio da Arquidiocese e outras instituições relacionados ao atendimento em saúde e educação.

Para poder ser mais consequente nesta atuação, articulamos com outras pessoas para criar uma equipe interdisciplinar para que as ações chegassem a diferentes *campus*. Gradativamente a Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) foi se envolvendo, e organizamos um projeto de pesquisa junto aos *Warao* que, aos poucos, ensinaram outros Projetos de Extensão. Estes projetos foram se mostrando necessários — se não urgentes —, para dar conta das dificuldades que enfrentamos quando várias famílias se juntam em um território pequeno, muito diferente das condições de vida que esta etnia enfrentava na Venezuela.

A questão da plantação de buritis no córrego *Warao* que passa nos fundos do *Recanto das Aves* foi a motivação de um programa de acompanhamento no contexto de COP30 e toda uma necessidade de recuperarmos o fluxo de água para o córrego, que flui somente em parte do tempo das chuvas.

### **Do delta do Orinoco (*Warao*) ao Pantanal Mato-grossense (*Bóe-Bororo*)**

Depois que os *Warao* foram jogados para lá e para cá de muitas formas; de a prefeitura de Cuiabá ter simulado a entrega de 3,5 hectares em uma APP (01/03/2024) e que foram impedidos pela polícia de fazerem suas casas na área comunitária pelo presidente de bairro do Nova Esperança, que chamou em agosto de 2024, as promessas eleitoreiras não foram efetivadas na prática, e isso trouxe grande descrédito nas instituições públicas.

Assim os *Warao*, depois de terem saído do São José, onde ficaram um ano, alugaram um sítio para ficar próximo e fazer as casas na área comunitária que parecia ser entregue antes do pleito político, mas foram palavras vazias. Assim, em novembro de 2024, foi adquirido pela arquidiocese de Cuiabá o local que serve de acampamento para a *Comunidade de Nossa Senhora da Consolação*. Ali foi contratado um profissional para a construção de banheiros públicos com foças sépticas para não contaminar o lençol freático uma vez que já estamos no pantanal e o rio Paciência desagua no Aricá dois quilômetros abaixo.

**Figura 4 – Mosaico de vistas aéreas da Comunidade Nossa Senhora da Consolação.**



**Fonte:** Acervo do autor, 2024.

O *Recanto das Aves* está a dois quilômetros do rio Aricá-açu e o córrego intermitente, agora chamado *Warao* por causa desta presença tão especial, passa nos fundos do lote, ou seja, na estrada que segue tem uma ponte para este córrego passar, onde termina a segunda fotografia. A

primeira foto mostra mais amplamente o local, com a casa comunitária que era do primeiro dono e os vizinhos na região, com açudes.

A primeira foto mostra as casas sendo construídas. A parte dos *Warao* é a que está ao lado da estrada. Observa-se que um lote ao lado está também desflorestado para uma casa de um policial. Um dos objetivos do projeto é tornar tradicional dos *Warao* este território por eles ocupado. Por isso, os programas de acompanhamento na busca de sua cidadania devem ser completos e discernidos com cuidado para atender exatamente ao que os *Warao* desejam.

Em 2025 tivemos oficinas de agroecologia, de segurança alimentar, de corte-costura, de letramento em Português, Espanhol e na sua Língua materna. Depois destes dados contextuais podemos olhar este Programa de Extensão relacionado com a árvore mãe dos *Warao*, o *Ojidu* (Buriti).

Inicialmente vamos dar a palavra sobre a planta que marca os mananciais e deltas dos rios na região de Roraima como também no baixo Orinoco e no Pantanal, nossa região da baixada cuiabana. Aos poucos percebemos que o buriti gera água e a mantém, existe uma mística que os *Warao* trazem consigo e entra em comunhão com os *Bóe*.

Fiz uma entrevista com Adriano Boro Makudo<sup>6</sup> no dia 08/12/2025 para falar sobre o buriti (Ecologia Integral e o *Bem Viver*), na ótica dos *Bóe* para reforçar a argumentação nativa e o lugar que ocupam os povos indígenas como guardiões da natureza, porque eles se pensam fazendo parte integral deste mundo que nos cerca, por isso vem se dedicando durante milênios no cuidado da Casa Comum, o que está reverberando nos movimentos sociais.

E foi justamente ali que apareceu uma percepção do Buriti que dialoga com a cosmovisão dos *Warao*:

*O Buriti é uma planta, não sei dizer como posso dizer, mas é tipo um coco, um pé alto, e a gente usa o vinho dela, a gente fala o vinho dela, tira o vinho dela para poder usar na bebida dos espíritos. E também ela tem a sua fruta que a gente faz dela o suco dela; a gente a come também sem fazer nada, faz parte da nossa espiritualidade, pois essa junção daquilo que nós falamos que é a conexão espiritual com o espírito da natureza. E aquele Buriti que está lá sozinho, a gente fala que é o espírito que está também precisando de estar junto. E esse daí também a gente traz para junto dos rituais. E o Buriti tem um papel muito importante dentro do nosso ritual fúnebre, porque ele marca o final dos rituais que são*

---

<sup>6</sup> Outro texto foi publicado para recordar os 50 anos do martírio de *Simão Bororo* e o *Padre Rodolfo Lunkembein* no dia 15/07/1976, ambos do clã *Ecerae* e do sub-clã *Bokodori*. Ali argumentamos que o ritual funerário é uma prática de Ecologia Integral, no sentido que ele está harmonizando os espíritos dos falecidos com a sociedade que está ainda viva e com a natureza. Conforme as regras da cultura *Bóe*, foi o clã *Tugarege* que ficou responsável de conduzir o funeral do *Padre Rodolfo* e um Padre salesiano o funeral do *Simão Koge Ekudugodu*, uma reciprocidade na prática, e aqueles rituais estão auxiliando no *Bem Viver* e equilíbrio de todo o povo *Bóe*.

*executados antes dos três dias finais do ritual fúnebre. Quando falam assim, qual o ritual que está executando lá no funeral Bóe? Falam, vamos executar agora o ritual do Marido, que é o ritual do Buriti. E quando falam que é o ritual do marido, é o último ritual dos rituais que são executados antes dos três dias finais do ritual fúnebre. Depois que termina o ritual do Marido, aí tem os três últimos dias, que a gente executa os grandes cantos para poder fazer a passagem do ente querido. Mas também esse buriti, a casca dele, a gente usa também para o artesanato, faz colar da casca do buriti, a palha do buriti é usada para cobertura da casa. E a gente pode observar que em algumas aldeias Bóe tem casas de palha de Buriti e também o broto do Buriti a gente usa para poder fazer a corda do arco e flecha, do broto retira a seda e usa para fazer baco (bandeja de seda). E também para fazer esteira (...) Então, o broto tem a sua importância dentro também das narrativas, onde a gente conta algumas histórias utilizando o broto para poder corrigir o filho, a filha, alguma atitude de nós mesmos. Então, não é só o Buriti em si, uma planta que está ali, ele está nos nossos rituais, ele é espiritual para nós. Não é só usar o broto, não é só usar a palha, não é só usar o vinho dela, não é só usar... A casca dela, para eu poder fazer o buriti, faz parte dos nossos rituais. Ela está presente nos nossos rituais, está presente conosco. Então, ela é extremamente importante nesse sentido. Agora, não sei o nome dela. Eu falei uma palmeira, ou é um coco, não sei. Mas depois... tamborim, né? (Adriano Boro Makudo, 08/12/2025).*

O antropólogo Bóe que presenteia este texto com sua fala, que foi transcrita e depois corrigido o texto escrito para ficar em uma linguagem que melhor pode ser lida, traz elementos importantes que entram em diálogo profundo com as falas dos Warao. Não consegui uma gravação dos Warao para comparação de alguns elementos relacionados, mas quando pontuam aqui ou acolá sobre o valor que o *ojidu* tem na vida deles, é de admirar como povos tão diferentes, vivendo em lugares tão distantes desenvolveram uma espiritualidade que conecta em questões fundamentais e entram em comunhão até nos detalhes do uso prático do *ojidu*, mas também na cosmovisão que sustenta esta relação tão importante com esta planta.

Aqui vamos pensar a partir do estabelecimento de uma aldeia Warao em uma chácara no Novo Apicá, divisa entre os municípios de Cuiabá e Santo Antônio do Leverger, dentro do Programa de Extensão “*Imigração: boas práticas universitárias de serviços e acolhimento da UFMT*” com caráter interdisciplinar e visão de trabalho articulado entre diferentes disciplinas para o atendimento e ofertas de serviços a refugiados e migrantes na cidade de Cuiabá; articulado com a UNIFACC por meio do Programa *Capacita em Rede / IFSuldeMinas*; com a Associação *Várzea Grandense Madre Tereza de Calcutá* (CNBB), no caso específico do projeto de agroecologia; com o *Fundo Nacional de Solidariedade da Conferência*

*Nacional dos Bispos do Brasil* para os insumos; com a *Fazenda Experimental da UFMT* por meio de doações de materiais em geral como caixas de abelhas melíponas.

Assim começamos com a clareza de que precisamos melhorar a qualidade de vida desta comunidade da etnia *Warao* no Novo Aricá (Cuiabá, MT), por meio de sistemas de produção agroecológicos (horta e produção alimentar saudável) especialmente o plantio de mudas de buriti ao longo do córrego *Warao* para voltarem as águas até o Aricá. Esta seria uma forma de promoção da justiça social, além de favorecer a autogestão da comunidade como produtor de verduras, respeitando sua cultura e estimulando sua dinâmica social e cultural.

Descolonizar é um processo que parte de uma compreensão no Sul Global a partir do conceito teórico que sustentou historicamente a usurpação dos territórios tradicionais indígenas e a escravização de seus corpos, mas também trata-se de uma prática que busca desconstruir as heranças coloniais, como a subalternização dos saberes indígenas, para compreender a relevância destas tradições ancestrais. Ao questionar os saberes hegemônicos ocidentais, valorizamos a troca de saberes e trazemos ao relevo as culturas subalternizadas.

A agroecologia busca a conciliação entre a produção agrícola e o cuidado dos biomas por meio de práticas de sustentabilidade. Ao contrário dos métodos convencionais, que se baseiam no uso de agrotóxicos que são prejudiciais à saúde e ao meio ambiente, fertilizantes químicos que se utilizam de petróleo (e seus derivados, como a nafta) para serem produzidos<sup>7</sup>.

Em detalhe, temos por finalidade:

1. Proporcionar subsídio para a criação de um senso crítico como base para uma produção sustentável: planejar e organizar a produção orgânica e atuar como agentes de incentivo à melhoria da qualidade do meio ambiente;
2. Diversificar as atividades econômicas, buscando a integração entre elas para maximizar a utilização dos recursos endógenos e assim diminuir a aquisição de alimentos externos à propriedade;
3. Favorecer, a longo prazo, o acesso à fibra de buriti (o que reforça a identidade cultural), matéria-prima para seus artefatos, melhorando as condições econômicas da comunidade, e

---

<sup>7</sup> Cuiabá tem boa parte do ano sem chuvas, por isso é necessário a irrigação. Sabemos que a agricultura é a atividade econômica que mais consome água no mundo, uma parte da água é desperdiçada (evaporação, percolação, escoamento superficial e por sistemas de irrigação ineficientes), mas ali o poço artesiano tem dado conta porque são hortas pequenas.

4. Promover cidadania, inclusão social através da produção de alimentos e o desenvolvimento das habilidades técnicas para o fortalecimento da vida comunitária.

Em termos de metodologia de trabalho, inicialmente identificamos a necessidade de segurança alimentar por meio da produção de alimentos, no caso proposto os alimentos orgânicos que produzem saúde são prioridade. As consultas prévias aconteceram por meio de rodas de conversas com a comunidade *Warao* de forma espontâneas e mais formais. Foi escolhido o técnico Rafael de Moraes como colaborador externo e pessoas da comunidade *Warao* interessados para as aulas teóricas sobre agroecologia.

Do ponto de vista técnico, a sua consultoria com profissional da área de agroecologia foi capaz de trocar conhecimentos com a comunidade. Por exemplo, quando chegou com as caixas de abelha *jataí*, o *Wisidato* Evelio Rivero Estrella (*Warao* nascido em 22/06/1972) mostrou o lugar que era o “cemitério” das abelhas, e falou com propriedade sobre a forma como as abelhas deixam tudo limpo dentro da colmeia e que eles também precisam fazer o mesmo para ter saúde no *Recanto das Aves*.

**Figura 5 – Os *Warao* atentos à explicação de Evelio sobre as abelhas *jataí*.**

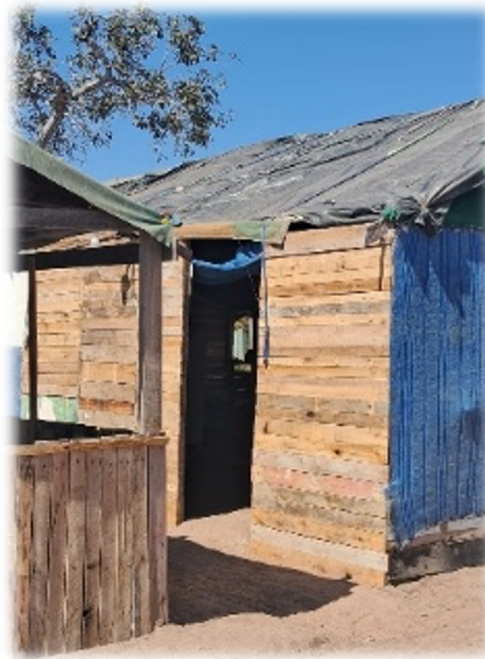


**Fonte:** Acervo do autor, 16/08/2025.

Assim, o desafio maior é saber o que é lixo e o que é insumo para as plantas. A preparação do solo, a colheita ou aquisição de insumos que não podem ser recolhidas no local, assim como construção das estruturas de horta e viveiro foram sendo feitas no ritmo da comunidade. Ou seja, a

metodologia usada é participativa e descolonizadora, importando sempre a cultura *Warao*, contudo, adaptando as atividades à realidade semiurbana na qual vivem no momento.

**Figura 6 – Mosaico da sala comunitária para aula de Agroecologia; casas das 20 famílias feitas pelos Warao com palite (Novo Aricá).**



**Fonte:** Acervo do autor, 03/09/2025.

**Figura 7 – Mosaico com Malvilia, Rafael Moraes e Evelio no momento da chegada da caixa de abelhas *jataí* (Novo Aricá).**



**Fonte:** Acervo do autor, 16/08/2025.

### **Para seguir refletindo e atuando**

Os choques de códigos culturais (alteridade) apareceram na COP30 nos “trajes de poder” ocidental de burocratas e diplomatas em ternos escuros que ignoraram o desconforto térmico diante de roupas leves de algodão ou pouca roupa das lideranças indígenas que ocupavam os corredores e na *Cúpula dos Povos* com a materialidade de sua cultura — cocares, pinturas de urucum e jenipapo.

Estas dinâmicas sociais na arena política podem ser lidas como “estetização” da presença indígena, o que mostra as contradições e uma disputa de narrativas: o indígena como “imagem de fundo” para o *marketing* climático *versus* o indígena como sujeito político exigindo soberania territorial, demarcação de seus territórios tradicionais.

Os caminhos e os corredores funcionaram como arenas de uma diplomacia informal, mas a hierarquia da sociedade estava já demarcada: cores diferentes para ONGs, Governo e Imprensa determinavam quem falava com quem.

Esta “comensalidade segregada” indicava quem tinha acesso ao *buffet* internacional. As tensões não ditas raramente superadas por negociações sussurradas e a formação de alianças temporárias entre atores improváveis levavam os ativistas e observadores a disputavam espaços nas lanchonetes comuns.

Momentos etnográficos críticos ou cenas arquetípicas sintetizam algumas tensões do evento: jovens ativistas seguram cartazes na entrada dos pavilhões, vigiados por seguranças da ONU, criando uma fronteira visual entre a esperança geracional e o pragmatismo político; os indígenas

cantavam e dançavam suas culturas e convicções de que outro mundo pautado no *Bem Viver* é possível.

A etnografia demonstra que, embora o evento tenha trazido o mundo para a Amazônia, a estrutura institucional da ONU manteve, em grande medida, a Amazônia como um “objeto” de discussão e não como um “sujeito” pleno. As fronteiras simbólicas entre os navios, o pavilhão da COP30 e as palafitas; entre o terno e o cocar, e entre o ar-condicionado e o mormaço, revelam que a justiça climática não é apenas uma questão de baixar a temperatura do planeta, mas precisamos derrubar muitos muros — visíveis e invisíveis — que separam quem decide de quem vive as consequências da devastação da natureza para enriquecer a poucos gananciosos.

Quando os *Warao* são insultados por aqui com a pergunta porque não voltam para sua terra, ficamos pensando em que mundo as pessoas vivem, pois todos somos migrantes em algum sentido. Qual seria a nossa terra?. Que mecanismos são necessários para que nos sintamos parte de um território tradicional?

A questão da falta de ancestralidade dos *Warao* na baixada cuiabana, tradicionalmente dos *Bóe*, deve ser considerada como também a sua visão de mundo que não se perdeu, mas permaneceu nos novos lugares que podem ser transformados como tradicionais porque aqui também vivem suas espiritualidades.

Os mecanismos que vamos estabelecendo, seja na construção de casas para as famílias morarem, de banheiros para que os dejetos humanos sejam devidamente tratados e no plantio da “árvore da vida” de forma sistemática para recuperar parte do bioma, tudo isso se torna relevante para tornar o *Recanto das Aves* um território tradicional da etnia *Warao*.

Existe um *Bem Viver* diferenciado na comunidade *Recanto das Aves* em relação aos demais lugares onde os *Warao* se encontram. O fato de terem a segurança de que não vão ser enxotados dali, como o foram dos muitos lugares por onde passaram antes, já é um aspecto de grande relevância.

Vemos que muito ainda terão que realizar, um passo importante será a constituição de uma Associação para poder recepcionar o território e, aos poucos, constituir a escola deles e outros aspectos que são fundamentais na direção da autonomia.

Resistir para os *Warao* tem sido re-existir em outros lugares, mas sempre orientados pela Estrela D’Alva e enraizados no território pelo *Ojidú*.

## Referências

ANJOS, Élvio (2024). “Tragédia: Morte de criança *Warao* em Cuiabá expõe crise humanitária”, *Novidades Informando Mato Grosso*. 30 de abril. Disponível em: <https://novidadesmt.com.br/apoio-humanitario/tragedia-morte-de-crianca-warao-em-cuiaba-expoe-crise-humanitaria/> Acesso em: 30/04/2026.

AUGÉ, Marc (1994). *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus.

CALDEIRA, Teresa P. R. (2000). *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed. 34.

GEERTZ, Clifford (1978). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.

KOZINETS, Robert V. (2010). *Netnography: Doing Ethnographic Research Online*. London: Sage.

MAUSS, Marcel (1974). “Ensaio sobre a dádiva, forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. v. 2. São Paulo: EPU/EDUSP.

OLIVEIRA, Eloir Inácio de & PACINI, Aloir (No prelo). “O Neo-Ritual que recriou a Neo-Aldeia: resistências e reconstruções culturais compartilhadas”, *Revista Tellus*.

OLIVEIRA, R. C. de (1967). “Áreas de fricção interétnica na Amazônia”. In: LENT, Herman (Ed.) *Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica* (Vol. 2: Antropologia): 187-193. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biota:vol2p187-193>. Acesso em: 30/04/2026.

### **Sobre o autor**

**Aloir Pacini SJ** é antropólogo jesuíta e professor da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Desde 2000 está mais próximo dos *Chiquitanos* e, desde 2019, acompanha os *Warao* em Cuiabá. Atua no Departamento de Antropologia e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).